

# Um forasteiro bem brasileiro

Categories : [Reportagens](#)

As primeiras mudas foram plantadas em 1904, pela mão de Edmundo Navarro de Andrade, um agrônomo que achava nossa mata nativa feia e desorganizada. Acreditava que quando adultas, suas formas – troncos finos e compridos com copas abertas – poderiam trazer ordem e beleza às florestas tropicais. As mudas tinham também outro atrativo. Cresciam rápido, atingindo a maturidade em apenas 3 anos, o que as tornava adequadas para uso em escala industrial. Elas eram de eucalipto, vinham da Austrália e adaptaram-se muito bem em Pindorama, onde a expansão do seu plantio foi adubada por crises internacionais e incentivos fiscais. Acabaram virando parte da paisagem nacional.

O país tem hoje 29 espécies de eucalipto catalogadas, entre as mais de 700 existentes no mundo. Ele está espalhado em quase todas as regiões brasileiras. Os dados da [Sociedade Brasileira de Silvicultura](#), que reúne empresas que vivem diretamente do cultivo de árvores, mostram que a presença dos eucaliptos por aqui é superlativa. Dos 5 milhões de hectares de florestas plantadas no Brasil, 64% estão cobertos por eucaliptos. É a árvore preferida dos produtores de celulose e de carvão e até de algumas madeireiras. Ultimamente, anda posando de queridinha dos ambientalistas, que defendem seu uso para auxiliar a regeneração de matas nativas e aliviar a pressão sobre o que ainda resta delas.

Mas a saga dos eucaliptos em terras brasileiras nunca foi tranquila. Navarro os introduziu depois de uma pesquisa com mais de 100 espécies, que indicou o eucalipto como árvore ideal para fornecer madeira para as fornalhas das locomotivas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Durante a I Guerra Mundial, a importação de carvão para o Brasil praticamente acabou e a demanda por madeira para ser queimada na produção de energia explodiu, conta o historiador americano Warren Dean, em seu livro *A Ferro e Fogo* (Companhia das Letras, 1994). Por suas propriedades, o eucalipto virou a árvore da hora para enfrentar esta emergência nacional e seu plantio expandiu-se. Na década de 30, com Navarro de ministro interino da Agricultura e sua assinatura no primeiro Código Florestal Brasileiro, o eucalipto tornou-se instrumento de saúde pública. E acabou enfrentando forte reação.

Navarro, relata Dean em seu livro, era o expoente de um grupo que qualificava as nossas florestas nativas como insalubres e via na sua substituição um ato de saneamento. Como nota o historiador, a oposição ao eucalipto que ganhou corpo nesta época não tinha qualquer viés ambiental. Seu cunho era basicamente ideológico e materializou-se numa “curiosa forma de xenofobia contra o invasor estrangeiro”. A II Guerra Mundial e as necessidades do desenvolvimento econômico do país nas décadas seguintes, aliadas às dificuldades de se ir buscar madeira em regiões ainda não desbravadas como a Amazônia, fizeram o nacionalismo anti-

eucalipto cair no esquecimento.

Ele retornou nos anos 70. A diferença é que, desta vez, as críticas à presença de árvore estrangeira em solo brasileiro vinham acompanhadas da caracterização do eucalipto como árvore ecologicamente criminosa. Era acusado de acabar com a biodiversidade, por não favorecer o crescimento de outras plantas ao seu redor e não fornecer alimento atraente à fauna nativa. Também ganhou a fama de agente de secas. Dizia-se que a rapidez de seu crescimento dava-se à custa de drenagem excessiva do solo. “Trata-se de bobagens”, rebate o primatologista Aldemar Coimbra Filho, que aos 80 anos tem um currículo para ambientalista nenhum botar defeito, inclusive nas áreas de botânica e hidrografia.

Coimbra Filho é um entusiasta do uso de eucaliptos para a regeneração de matas ciliares e florestas nativas. Ele diz que essa árvore de fato suga água do solo para crescer. Como qualquer outra. “As nativas até sugam mais”, afirma. Pesquisas da [Aracruz Celulose](#), dona de alguns dos maiores eucaliptais brasileiros, constataram que a raiz da árvore não desce mais do que 2 metros em busca de nutrientes e que os níveis de água no solo das áreas eucaliptadas são os mesmos em florestas nativas.

Quanto à falta de biodiversidade em florestas de eucalipto, Coimbra Filho aponta que os críticos partem de um princípio enganoso. “O eucalipto não deve ser empregado para substituir a mata nativa, mas como alavanca para sua regeneração”. É o que vêm fazendo, por exemplo, as empresas que plantam enormes faixas de terras com eucaliptos. O diretor de Florestas da [Klabin](#), Reinoldo Poernbacher, conta que a empresa tem plantado espécies naturais entremeadas à monocultura. “Essa técnica proporciona a formação de sub-bosques, que não exercem todas as funções ecológicas de uma floresta natural, mas recompensam grande número de perdas”, diz. Segundo ele, hoje já são mais de 1 milhão e 600 mil hectares de mata nativa entremeada nas florestas de eucalipto brasileiras.

O diretor de Meio Ambiente da Aracruz Celulose, Carlos Alberto Roxo, diz que os objetivos do reflorestamento são criar, manter e preservar os recursos da indústria de base florestal. Poernbacher acredita que a culpa pela imagem negativa do eucalipto é das próprias empresas de base florestal. “Nunca se admitiu explicitamente que ele não reconstrói a floresta. Durante muito tempo, a idéia que se passava dos eucaliptais é que eram florestas intocadas e preservadas”. Por outro lado, se compararmos as monoculturas florestais com as monoculturas agrícolas, como arroz, milho, soja, cana e outras, elevaremos eucaliptos e pinus ao céu. A agricultura ocupa 62 milhões de hectares no Brasil. Para ela são escolhidos os melhores e mais férteis solos, que ao final da colheita estarão secos e desgastados. Muitos não se recuperam, servindo posteriormente para a pecuária, que ocupa 220 milhões de hectares no país.

Outro argumento dos que defendem o eucalipto é sua maior capacidade de renovar o oxigênio no

planeta, por crescer mais rápido do que outras espécies. Além disso, a utilização de madeira de árvores cultivadas pode reduzir o desmatamento de florestas nativas. Nos países desenvolvidos, onde cresce a demanda por madeira de origem legal e renovável, o eucalipto começa a ganhar espaço. Dois expoentes do design moveleiro, Itália e Suécia, importam madeira de eucalipto brasileiro para produzir suas sofisticadas peças. Para consumo interno, o eucalipto ainda não é visto como alternativa às madeiras de lei. Até na produção de móveis simples e vigas de telhado, por exemplo, é comum a utilização de madeiras nobres da Amazônia, a maior parte obtida de forma ilegal.

A expansão do cultivo de árvores para suprir o mercado madeireiro traz um risco: as florestas homogêneas podem avançar sobre áreas de vegetação nativa. O problema está em só reflorestar para atender a essa demanda. Para evitar o desequilíbrio, o governo deveria ordenar e fiscalizar os reflorestamentos com monocultura, ao mesmo tempo em que investe na reconstrução de matas nativas. Não é o que tem sido feito.

De todo modo, a idéia de que o exótico eucalipto não deve concorrer com as espécies nacionais não procede mais. Pesquisas da Aracruz produziram, inclusive, a espécie *Eucalyptus urograndis*, mais adaptável ao clima do Espírito Santo, surgido do cruzamento dos gêneros *grandis* e *urophylla*. O imigrante já adotou e foi adotado pela nação brasileira.